

IZABEL FRANÇA DE LIMA  
MARIA APARECIDA MOURA  
ORGANIZADORAS

**INFORMAÇÃO  
ESTUDOS  
ÉTNICO-RACIAIS  
GÊNERO  
DIVERSIDADES**

NYOTA

Izabel França de Lima  
Maria Aparecida Moura  
Organização



**INFORMAÇÃO,  
ESTUDOS ÉTNICO-  
RACIAIS, GÊNERO E  
DIVERSIDADES**

Florianópolis, SC  
Rocha Gráfica e Editora Ltda.  
2023

Selo Nyota  
Franciéle Carneiro Garcês da Silva  
Nathália Lima Romeiro  
Coordenação

#### Comitê Editorial e Científico

Natalia Duque Cardona (UdeA)	Wellington Marçal de Carvalho (UFMG)
Rubens Alves da Silva (UFMG)	Márcio Ferreira da Silva (UFMA)
Daniella Camara Pizarro (UDESC)	Fábio Francisco Feltrin de Souza (UFFS)
Claudia Mortari (UDESC)	Gerson Galo Ledezma Meneses (UNILA)
Carina Santiago dos Santos (UDESC)	Luisa Tombini Wittmann (UDESC)
Lourenço Cardoso (UNILAB)	Samanta Coan (Muquifu)
Barbara Barcellos (UFS)	Mariana Cortez (UNILA)
Gustavo Silva Saldanha (IBICT/UF RJ)	Priscila Sena (UFRGS)
Edilson Targino de Melo Filho (UFPB)	Lia Vainer Schucman (UFSC)

#### Comitê de Avaliadores Ad Hoc

Alegria Celia Benchimol (UFPA)	Jobson Francisco da Silva Júnior (UEPB)
Ana Cristina de Albuquerque (UEL)	Leilah Santiago Bufrem (UFPE)
André Vieira de Freitas Araújo (UFPR)	Luciane Paula Vital (UFSC)
Bernardina Maria J. Freire de Oliveira (UFPB)	Marcio Ferreira da Silva (UFMA)
Denise Braga Sampaio (UFBA)	Maria Cristina Palhares (UNIFAI)
Denysson Axel Ribeiro Mota (UFCA)	Natália Bolfarini Tognoli (UFF)
Edilson Targino de Melo Filho (UFPB)	Priscila de A. Barreto Côrbo (Colégio D. Pedro II)
Edvaldo Carvalho Alves (UFPB)	Priscila Sena (UFRGS)
Erinaldo Dias Valério (UFPE)	Renata Lira Furtado (UFPA)
Gláucia Aparecida Vaz (UFRGS)	Sale Mario Gaudencio (UFERSA)
Henriette Ferreira Gomes (UFBA)	Thiago Henrique Bragato Barros (UFRGS)
Janayne Carvalho do Amaral (UFRJ)	Vinícios Souza de Menezes (UFS)
	Wellington Marçal De Carvalho (UFMG)

Diagramação: Nathália Lima Romeiro; Franciéle Carneiro Garcês da Silva

Arte da Capa: Franciéle Carneiro Garcês da Silva

Ficha Catalográfica: Priscila Fevrier - CRB 7-6678

Revisão textual: Pedro Giovâni da Silva e autorias

Informação, estudos étnico-raciais, gênero e diversidades / Izabel França de Lima; Maria Aparecida Moura. (Org.) - Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora; Selo Nyota, 2023.  
546 p.

Inclui Bibliografia.

Disponível em: <https://www.nyota.com.br/>.

ISBN livro físico: 978-85-60527-49-6

ISBN livro digital: 978-85-60527-50-2

1. Ciência da Informação. 2. Informação. 3. Informação étnico-racial. Gênero. 4. Decolonialidade. I. Lima, Izabel França de. II Moura, Maria Aparecida. III. Título.

**ESSA OBRA É LICENCIADA POR UMA  
LICENÇA *CREATIVE COMMONS***



**Atribuição – Compartilhamento pela mesma licença 3.0 Brasil<sup>1</sup>**

É permitido:

Copiar, distribuir, exibir e executar a obra  
Criar obras derivadas

Condições:



**ATRIBUIÇÃO**

Você deve dar o crédito apropriado ao(s) autor(es) ou à(s) autora(s) de cada capítulo e às organizadoras da obra.



**COMPARTILHAMENTO POR MESMA LICENÇA**

Se você remixar, transformar ou criar a partir desta obra, tem de distribuir as suas contribuições sob a mesma licença<sup>2</sup> que este original.

---

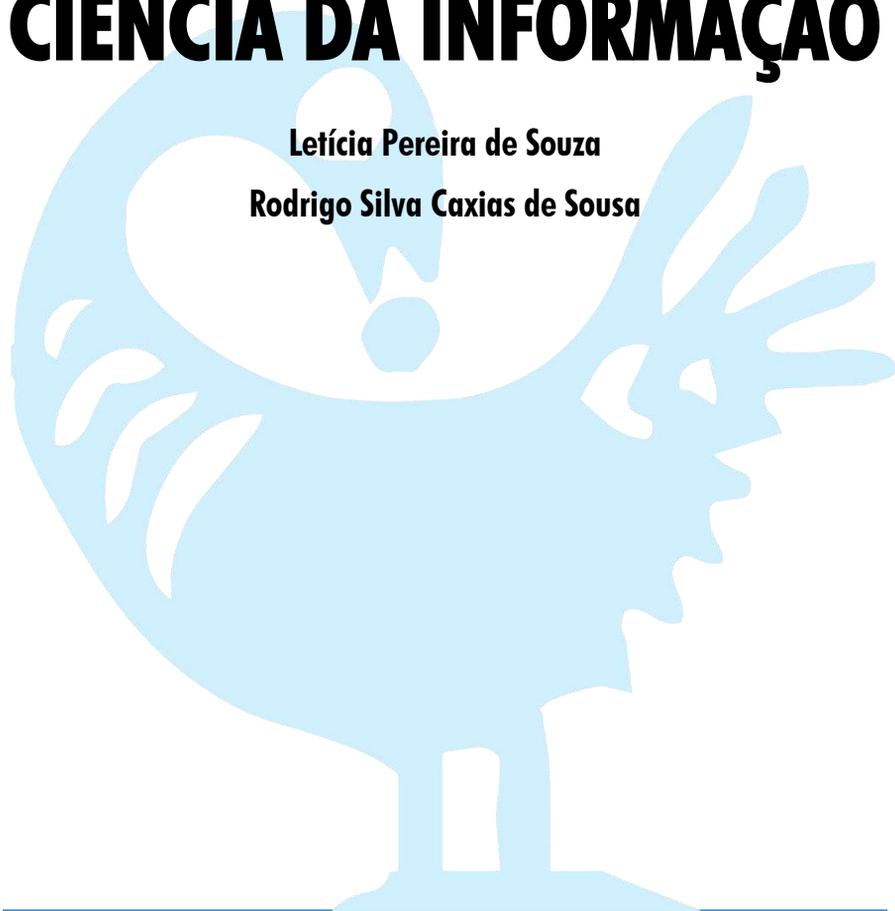
<sup>1</sup> Licença disponível em: <https://goo.gl/rqWWG3>. Acesso em: 01 jun. 2019.

<sup>2</sup> Licença disponível em: <https://goo.gl/Kdfiy6>. Acesso em: 01 jun. 2019.

# **REFLEXÕES SOBRE DESIGUALDADES NA CIÊNCIA: A PERSPECTIVA DOS PESQUISADORES DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

**Leticia Pereira de Souza**

**Rodrigo Silva Caxias de Sousa**



## 1 CONTEXTUALIZAÇÃO<sup>90</sup>

A partir das desigualdades presentes no nosso cotidiano e no espaço acadêmico, o presente estudo tem como objetivo discutir as disparidades étnico-raciais na ciência atreladas à perspectiva de gênero a partir da percepção de pesquisadores da Ciência da Informação. Primeiramente, merece destaque que este trabalho está relacionado com o aspecto social da Ciência da Informação (C.I), o qual o pesquisador e professor Araújo (2018), pontua como sendo um dos movimentos epistemológicos da área. De acordo com o autor, a C.I passou por diferentes movimentos epistemológicos ao longo de sua constituição, desde sua origem relacionada ao término da Segunda Guerra Mundial e ao início da Guerra Fria, quando possuía um caráter fisicista mais voltado para o desenvolvimento científico. Com o passar dos anos, a Ciência da Informação se abriu para outras perspectivas até a virada sociológica atribuída ao quinto movimento epistemológico ao longo do século XX. Essa ampliação epistemológica abriu espaço para a inclusão de temas sociais relevantes no campo da CI, como as relações étnico-raciais e os estudos de gênero, que são abordados neste trabalho.

Um aspecto crucial a ser discutido é o preconceito de identidade sofrido por mulheres negras na ciência, tendo como referência o racismo enfrentado por elas. O debate sobre o racismo no meio acadêmico frequentemente ocorre sob uma perspectiva eurocêntrica, que negligencia sua carga política e histórica, reduzindo-o a uma discussão centrada no indivíduo (ARAÚJO; MAESO, 2019, p. 476).

Essa abordagem minimiza a importância das ações institucionais necessárias para promover uma maior igualdade de oportunidades de acesso e permanência para pessoas negras, especialmente mulheres, no espaço acadêmico, perpetuando assim o perfil dominante branco e masculino no campo científico. Isso se imbrica a uma estrutura também racista consolidada historicamente no âmbito acadêmico que pouco se altera ao longo do tempo, sendo continuamente mantida por aqueles que ocupam

---

<sup>90</sup> Capítulo desenvolvido a partir de texto submetido, avaliado e aprovado no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB, 2022).



posições de poder nesse campo. Esses indivíduos são identificados pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983) como agentes dominantes. De acordo com o autor, os agentes dominantes são aqueles que ocupam posições privilegiadas na estrutura do campo científico, estabelecendo as normas e mantendo o *status quo* consolidado desse campo.

Neste estudo, o termo "gênero" é utilizado para desvelar as relações de poder associadas às estruturas da sexualidade (MITCHELL, 1973). É importante ressaltar que "gênero" é algo socialmente construído e envolve processos individuais, sociais e institucionais em constante evolução, que estão intrinsecamente ligados à cultura e às relações de poder (MEYER, 2003). Em virtude dessa peculiaridade serão discutidas questões sociais que são reproduzidas no ambiente acadêmico, como o racismo estrutural, que marginaliza e exclui pessoas negras, pardas e indígenas da academia, além de desvalorizar o conhecimento produzido por e sobre esses grupos (ARAÚJO; MAESO, 2019; ALMEIDA, 2021).

O estudo aqui apresentado caracteriza-se como exploratório-descritivo de abordagem quanti-qualitativa e foi constituído por três fases. Na primeira fase, realizou-se uma pesquisa bibliográfica sobre o racismo institucional e estrutural, bem como as disparidades de gênero na Ciência, a fim de fundamentar a parte teórica do estudo. As buscas nas bases de dados Google Scholar, *Web of Science*, Scopus e *Dimensions* foram realizadas em maio de 2021. Em relação à segunda fase, após selecionar os trabalhos que serviram como base teórica para o estudo, elaborou-se um questionário contendo perguntas abertas e fechadas que obteve 93 respostas, objetivando compreender como os pesquisadores dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação percebem as disparidades de gênero e raça na ciência.

Posteriormente, na terceira fase da composição do estudo, disponibilizamos o instrumento de pesquisa em agosto de 2021 por meio do *Google Forms* e enviamos aos coordenadores e às secretarias dos cursos de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil. Os dados foram organizados em uma planilha .xls para posterior interpretação dos resultados.

Na seção seguinte, apresentamos o contexto do ensino superior e da pós-graduação no Brasil, com o intuito de



compreender questões sociais que impactam o campo científico, tais como o racismo estrutural e institucional e as determinações de gênero.

## **2 O RACISMO INSTITUCIONAL: UM BREVE PANORAMA DO ENSINO SUPERIOR E DA PÓS-GRADUAÇÃO NO BRASIL**

Silvio Almeida aborda em sua obra "Racismo Estrutural" três concepções de racismo: o racismo individualista, o racismo institucional e o racismo estrutural. De acordo com o autor, na concepção individualista o racismo é visto como uma patologia ou anormalidade, sendo compreendido como um fenômeno ético ou psicológico de caráter individual.

Por sua vez, o racismo institucional (ARAÚJO; MAESO, 2019; ALMEIDA, 2021) vai além dos comportamentos individuais e é entendido como o resultado do funcionamento das instituições que operam de forma a conferir, ainda que indiretamente, vantagens e desvantagens com base na raça. Indo ao encontro desta perspectiva Santos (2015) ressalta que o racismo institucional no Brasil é caracterizado por práticas de discriminação indiretas perpetuadas por instituições governamentais, escolas, universidades e outras entidades. Essas práticas incluem ações políticas que contribuem para a manutenção da discriminação racial.

É importante compreender que as ações discriminatórias não são necessariamente intencionais ou explícitas. Em vez disso, elas são manifestadas por meio de políticas, normas e práticas que, muitas vezes, parecem neutras e objetivas, mas que, na realidade, têm um impacto negativo desproporcional sobre grupos marginalizados. Em outras palavras, o racismo transcende a esfera individual e é incorporado pelas instituições, as quais refletem os conflitos existentes na sociedade. Enquanto o racismo individualista está relacionado a ações individuais, como ofensas, agressões e até mesmo homicídios, sendo facilmente identificável, o racismo institucional e o racismo estrutural ocorrem de forma velada e difícil de identificar, uma vez que há uma incapacidade de que essas instituições reconheçam que se estruturaram a partir de uma lógica racista.



O racismo institucional é, portanto, uma manifestação do racismo estrutural ambos herança da escravidão e do período pós-abolição da escravatura no Brasil. Desde esse período é possível identificar a perpetuação de um despreparo e descuido no sentido de estabelecimento de políticas públicas, uma vez que não houve a inserção adequada das pessoas libertas após a abolição da escravatura, em todos os setores sociais (GONÇALVES; AMBAR, 2015). Além disso, o acesso das pessoas negras à educação também foi tardio, embora a primeira constituição brasileira (1824) afirmasse que a educação seria um direito de todos os cidadãos brasileiros, em 1937, o presidente da província do Rio de Janeiro, Paulino José de Souza, sancionou a Lei nº 1 que traz o seguinte artigo: "Art. 3º. São proibidas de frequentar as escolas públicas: 1º todas as pessoas que padecem de moléstias contagiosas. 2º Os escravos e os pretos africanos ainda que sejam livres ou libertos." Dessa forma foi negligenciado historicamente o direito das pessoas negras de terem acesso à educação naquele período (OLIVEIRA, 2016).

Os resultados dessas políticas fundamentadas no racismo estrutural são evidentes e perduram até os dias de hoje, especialmente quando analisamos a realidade atual das Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, como veremos a seguir.

Além dos desdobramentos do racismo estrutural em âmbito institucional discutidos até então, é fundamental considerar também o recorte de gênero. Em relação às mulheres negras nos espaços acadêmicos, é importante ressaltar que, apesar de haver uma predominância de mulheres no ensino superior e na pós-graduação, ainda existem disparidades significativas entre as estudantes (IBGE, 2021), sendo as mulheres brancas a maioria nestes espaços.

Embora exista literatura datada que tenha desvelado os preconceitos e dificuldades enfrentados pelas mulheres no ambiente acadêmico, como os de Bayer e Astin na década de 70 e o de Elena Orozco em 1998, que aborda, inclusive, as injustiças no



sistema de recompensa na ciência<sup>91</sup>, pouco se falou especificamente sobre as experiências das mulheres negras.

Em 2019, as mulheres pretas ou pardas entre 18 e 24 anos apresentaram uma taxa ajustada de frequência líquida ao ensino superior<sup>92</sup> de apenas 22,3%, quase 50% inferior à taxa registrada entre as mulheres brancas (40,9%) e quase 30% menor do que a taxa verificada entre os homens brancos (30,5%) (IBGE, 2021). Cabe ressaltar que as mulheres negras representam 41 milhões de pessoas no Brasil, desse grupo, apenas 9,9% concluíram o Ensino Superior (IPEA, 2011).

A Secretaria de Comunicação Institucional da UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira) publicou uma matéria em 2014 sobre os temas étnico-raciais nas universidades brasileiras, destacando que a presença de estudantes negros tem aumentado nos últimos anos, embora esteja proporcionalmente distante da quantidade de estudantes brancos. Conforme indicado na matéria, o número de pessoas brancas matriculadas no ensino superior presencial e à distância é 11,8 vezes maior do que o de pessoas negras, totalizando 3,9 milhões de estudantes brancos em comparação com 330,1 mil estudantes negros e 1,8 milhões de estudantes pardos (CENSO IBGE, 2010).

Sobre a desigualdade na pós-graduação, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2015) demonstram que houve um crescimento em relação à presença de estudantes negros na pós-graduação, somando 28% do total de mestrandos e doutorandos até a data em que foi realizada a pesquisa. Indo ao encontro desta realidade, o estudo de Artes (2018) aborda que as maiores disparidades na pós-graduação ocorrem no acesso e na conclusão dos cursos, especialmente para pessoas negras. A autora ressalta ainda que as docentes mulheres tendem a ocupar cargos em faculdades de menor prestígio, enquanto os docentes do sexo masculino recebem salários mais altos e progridem mais rapidamente para posições acadêmicas mais elevadas. O que nos leva a concluir que, embora haja um movimento de crescimento dos

---

<sup>91</sup> Merton (1973) apresentou sua ideia de que os cientistas, interessados no progresso do conhecimento, também procuravam obter reconhecimento acerca dos seus feitos e contribuições, por vias institucionais.

<sup>92</sup> Proporção de pessoas de 18 a 24 anos frequentando o ensino superior.



estudantes negros nas Universidades, as decisões políticas e institucionais nestes espaços ainda estão alinhadas ao interesse daqueles que ocupam cargos de maior autoridade, como reitores, chefes de departamento e outras posições relacionadas à tomada de decisões no campo científico: os homens brancos.

No próximo tópico, serão apresentadas as análises detalhadas dos dados coletados por meio do instrumento de pesquisa, estabelecendo uma conexão entre a teoria e as respostas obtidas.

### 3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Com o objetivo de fornecer uma exposição clara dos resultados, primeiramente serão apresentados detalhes sobre o perfil dos pesquisadores, abordando seu vínculo institucional, autodeclaração de gênero, autodeclaração étnico-racial e nível de formação. Em seguida, serão discutidas as questões relacionadas às percepções dos pesquisadores sobre as disparidades de gênero e raça.

Em relação ao vínculo institucional, a maioria da amostra foi composta por discentes, totalizando 66 participantes (71%), enquanto os docentes correspondem a 28 participantes (30,1%). É importante ressaltar que nesta pergunta os respondentes tinham a opção de selecionar mais de uma alternativa.

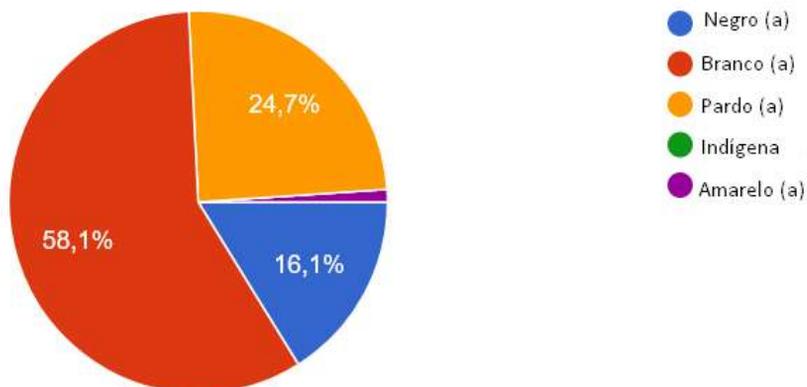
No que diz respeito ao gênero, 66 participantes (71%) se identificaram como mulheres, enquanto 27 participantes (29%) se identificaram como homens. Cabe destacar que a pergunta também incluía as opções "não-binária" e "prefiro não responder", porém não houve nenhum registro nessas opções.

Quanto à autodeclaração étnico-racial, a amostra se dividiu da forma apresentada no Gráfico 1. Em relação a esta questão, as opções dadas no questionário foram elencadas de acordo com as categorias de classificação de cor ou raça do IBGE. No Gráfico 1, fica evidente a predominância de participantes autodeclarados como brancos no contexto da pós-graduação em Ciência da Informação, totalizando 54 respondentes (58%). Por outro lado, há 15 participantes (16,13%) autodeclarados como pretos, 23



participantes (24,73%) autodeclarados como pardos e apenas 1 participante (1%) autodeclarado como amarelo.

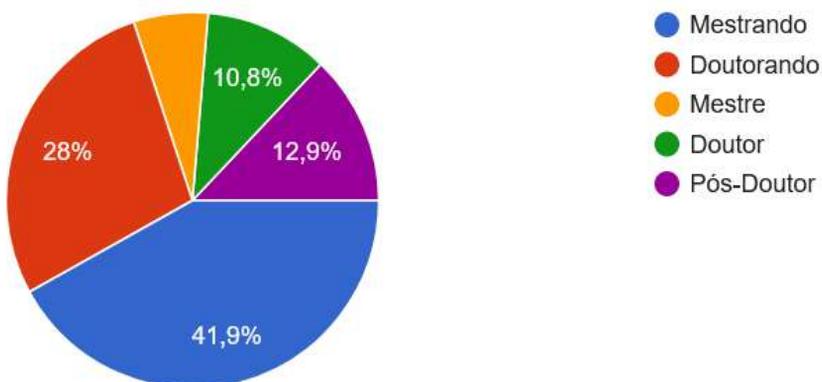
**Gráfico 1 - Autodeclaração étnico-racial**



Fonte: Dados da pesquisa coletados pelo Google Forms.

No que concerne ao nível de formação dos pesquisadores que participaram do estudo, percebemos um público diverso, sendo a maioria composta por mestrandos, como demonstrado pelo Gráfico 2.

**Gráfico 2 - Nível de formação dos pesquisadores**



Fonte: Dados da pesquisa coletados pelo Google Forms.



Os dados acerca do vínculo institucional dos respondentes corroboram com as informações apresentadas. Como observado no Gráfico 2, a maioria dos participantes são discentes, com destaque para mestrandos e doutorandos, que possuem as maiores porcentagens. No entanto, também houve respostas significativas provenientes de docentes doutores e pós-doutores.

Agora, observe a Tabela 1 abaixo que intersecciona as informações de gênero, pertencimento étnico-racial e nível de formação:

**Tabela 1** - Pesquisadoras e nível de formação acadêmica.

	Mulheres autodeclaradas brancas	Mulheres autodeclaradas pardas	Mulheres autodeclaradas negras
<b>Pós-doutorado</b>	<u>9</u>	0	0
<b>Doutoras</b>	<u>5</u>	1	0
<b>Doutorandas</b>	11	5	2
<b>Mestres</b>	1	1	2
<b>Mestrandas</b>	16	8	5

Fonte: Elaborado pelos autores.

Percebe-se pelas informações em destaque que, a nível de pós-doutorado encontram-se majoritariamente mulheres brancas, sendo que as mulheres negras e pardas concentram-se em sua maioria como discentes de mestrado. Esses dados corroboram com teorias previamente mencionadas, que apontam que quanto maior é a ascensão acadêmica, maior também é a desigualdade, especialmente em relação à raça.

Na questão de número 11, os participantes responderam se consideravam a existência ou não de desigualdades raciais e de gênero no meio acadêmico. As respostas foram agrupadas de acordo com as categorias listadas na Tabela 2:



**Tabela 2 – Desigualdades raciais e de gênero**

<b>Você considera que existem disparidades de gênero e raça no meio acadêmico?</b>	<b>Quantidade de respostas</b>	<b>Quantidade de respostas (%)</b>
Considero que existe	<b>85</b>	<b>91,40%</b>
Não considero que existe	<b>6</b>	<b>6,45%</b>
Não sei/Não quero opinar	<b>2</b>	<b>2,15%</b>
<b>Total</b>	<b>93</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado pelos autores.

As respostas desta questão apresentam um panorama de como os pesquisadores da Ciência da Informação enxergam o racismo e o machismo no espaço acadêmico, e, principalmente, se conseguem percebê-lo ao seu redor.

Observa-se que a maioria dos pesquisadores (91,4%) consideram que as desigualdades existem no meio acadêmico, uma vez que elas também existem na sociedade como um todo. Grande parte dos pesquisadores mencionou que as desigualdades raciais começam pelo acesso de pessoas pretas, pardas e indígenas à universidade, pois observam que entre colegas docentes e discentes há a predominância de pessoas brancas, principalmente na pós-graduação. Também houve respostas significativas que mencionaram perceber a falta de mulheres em cargos de liderança na ciência. A seguir, apresentam-se as respostas mais representativas dessa questão:



**Quadro 1** - Percepção sobre as desigualdades na academia.

*Claro que sim. A observação cotidiana já mostra grandes disparidades em relação a gênero e raça no meio acadêmico. Cito duas: há um número significativo de mulheres na academia, mas elas são maioria em cursos com menor prestígio social, enquanto os homens ocupam mais posições de destaque e de comando; há um número muito pequeno de professores que não são da raça branca na academia.*

*Sem dúvida. O volume % de alunos de graduação é mais ou menos o mesmo, no entanto, ao subir para níveis mais altos (alunos de pós, carreira docente, cargos na universidade, bolsa de pesquisa do CNPq), a proporção de mulheres vai reduzindo demais.*

Fonte: Elaborado pelos autores.

É crucial levar em consideração que questões profundamente enraizadas na sociedade, como o patriarcado e o racismo, possuem impacto no meio acadêmico. Conforme ressaltado por Bourdieu (2004), é importante reconhecer que a ciência não é neutra. A noção de uma ciência neutra é uma ficção, uma vez que ela está sujeita a interesses e é influenciada pelos preconceitos presentes na sociedade em que está inserida. É importante ressaltar que as seis pessoas que afirmaram não perceber disparidades de gênero e raça no meio acadêmico se autodeclararam como brancas, sendo três mulheres e três homens. Esse dado suscita reflexões sobre a importância da perspectiva e vivência pessoal na percepção das desigualdades presentes.

Posteriormente foi perguntado com que frequência os participantes percebem que as disparidades acontecem. Na Tabela 3 elencada abaixo interseccionamos a autodeclaração do pertencimento étnico-racial dos participantes (primeira coluna à esquerda) com as respostas dadas por eles.



**Tabela 3** – Com que frequência as disparidades acontecem no meio acadêmico

Autodeclaração étnico-racial	Participantes (total)	Nº de participantes que selecionou com <b>muita frequência</b>	Nº de participantes que selecionou com <b>razoável frequência</b>	Nº de participantes que selecionou com <b>pouca frequência</b>	Nº de participantes que selecionou a opção com <b>nenhuma frequência</b>
Branca	<b>54</b>	26	21	3	4
Preta	<b>15</b>	<b>9</b>	<b>4</b>	1	1
Parda	<b>23</b>	<b>11</b>	<b>9</b>	2	1
Amarela	<b>1</b>	1	0	0	0
<b>Total</b>	<b>93</b>	<b>47</b>	<b>34</b>	<b>6</b>	<b>6</b>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Conforme os dados supracitados, nesta questão 47 respondentes (50,54%) afirmaram considerar que, em suas perspectivas, as disparidades estão presentes com muita frequência no meio acadêmico. Desta parcela de respostas, 26 pesquisadores se autodeclaram como brancos, 9 como negros e 11 como pardos, há ainda uma pessoa que se autodeclara amarela.

Ainda que grande parte dos pesquisadores estejam em comum acordo de que as desigualdades estão presentes e acontecem frequentemente no âmbito acadêmico, é interessante olhar para o perfil daqueles que afirmam que há pouca (6 pessoas, 6,45%) ou nenhuma (6 pessoas, 6,45%) desigualdade na academia, sendo estas pessoas predominantemente brancas, doutorandas ou doutoras. Estes dados demonstram, mais uma vez, que são as pessoas que vivenciam essas disparidades que as percebem com mais intensidade.

Não obstante, os participantes também responderam a respeito de como eles percebem o impacto das disparidades étnico-raciais e de gênero na progressão acadêmica dos pesquisadores, resultando em variadas percepções, como por exemplo a



dificuldade econômica, a desigualdade social, a maternidade em relação às disparidades ligadas a papéis de gênero e a violência simbólica advinda de uma visão machista por parte dos avaliadores de revistas e eventos acadêmicos. Um desses aspectos é a presença predominante de homens em posições de poder, o que perpetua a ocupação desses cargos por outros homens. Além disso, os respondentes relataram que o trabalho dos homens é sobrevalorizado em relação ao das mulheres. Isso reflete uma mentalidade machista que questiona a capacidade das mulheres na academia e prejudica a sua credibilidade.

As respostas mais representativas desta questão estão elencadas abaixo:

### **Quadro 2** - Percepção sobre disparidades e progressão acadêmica

*É a fraca presença de pesquisadores negros e indígenas na academia, que tem como origem a dificuldade social e econômica para que tais grupos sociais progridam academicamente. A política de cotas (por gênero, raça e condições sócio-econômicas) progride, mas com muitos problemas e dificuldades.*

*Há uma disparidade quantitativa em relação ao acesso de brancos e heterossexuais no meio acadêmico. Consequentemente, ocorre maior incidência de publicações dessa maioria. Se trata de um modelo cíclico, isto é, a maioria predomina em todos os âmbitos.*

*As pesquisas acadêmicas são constituídas por prestígios e esses ainda são convertidos no padrão de gênero. Até porque quem mais tem "tempo" fora da academia são os homens e consequentemente os mesmos publicam com mais frequência e em grande escala. Poucas mulheres pretas chegam a uma pós-graduação, com isso a diminuição de publicação fica visível. Além de muitas mulheres estarem alicerçadas no sistema patriarcal de gênero. Que necessita se esforçar o triplo para conseguir chegar no mesmo "patamar" das publicações masculinas.*

Fonte: Elaborado pelos autores.

Diante desse cenário, é imprescindível que consideremos a relação entre o campo científico e a sociedade, uma vez que se percebe, na observação dos pós-graduandos, a existência de uma dinâmica de poder estabelecida na ciência. Nessa dinâmica, os



pesquisadores homens privilegiam seus pares do mesmo gênero, ao mesmo tempo em que se beneficiam das facilidades proporcionadas pelo fato de não serem os principais responsáveis pelos cuidados domésticos ou pela criação dos filhos. Essa realidade reflete a estrutura machista presente na sociedade e na ciência.

Além disso, é importante ressaltar que as pesquisadoras negras enfrentam uma desvantagem ainda maior nesse sistema, pois além do preconceito de gênero, elas também enfrentam o preconceito racial. Um exemplo disso é o estudo realizado pelo grupo *Parent in Science* durante a pandemia, que revelou que neste período apenas 45% das pesquisadoras negras conseguiram manter sua produção científica, enquanto 50% das mulheres brancas e 70% dos homens conseguiram manter sua rotina de trabalho acadêmico. Esses números evidenciam a disparidade e as barreiras adicionais enfrentadas pelas pesquisadoras negras, que precisam lidar simultaneamente com a discriminação racial e de gênero, dificultando seu progresso na carreira científica.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação apresentada teve como objetivo elencar o perfil dos pesquisadores da Ciência da Informação (C.I) e suas percepções acerca das disparidades em relação ao gênero e à raça na ciência, conforme relatado por docentes e discentes dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil. A amostra analisada foi composta primordialmente por pesquisadoras mulheres (71%), discentes (71%) e autodeclarados brancos (58,1%).

As análises permitiram identificar, a partir da pluralidade de características relativas aos respondentes, docentes e alunos de pós-graduação em Ciência da Informação, com idades entre 20 e 61 anos, de diferentes regiões do Brasil, suas percepções a respeito das desigualdades presentes no meio acadêmico, do qual fazem parte.

Os resultados obtidos destacam que os pesquisadores da Ciência da Informação, de maneira geral, reconhecem a existência de disparidades que se manifestam de várias formas no meio



acadêmico. Isso inclui a observação do expressivo número de pessoas brancas ocupando os programas de pós-graduação e as posições de maior poder e prestígio na ciência, bem como as dificuldades enfrentadas por pretos, pardos e indígenas no acesso, permanência e ascensão acadêmica, como exemplo deste último, na amostra analisada os pesquisadores autodeclarados pretos ou pardos, somados, correspondem a 40,8% do total de participantes, e se concentraram principalmente entre os discentes.

Cabe ressaltar também que, embora a maioria dos pesquisadores percebam as desigualdades, fica evidente, por meio das respostas, que os pesquisadores autodeclarados pretos ou pardos são aqueles que mais percebem a estrutura rígida e predominantemente alinhada aos interesses masculinos e brancos, tal qual o perfil dos que possuem maior poder político e institucional nos espaços científicos. Essas disparidades são apenas alguns exemplos de um sistema consolidado de poder que precisa ser desafiado.

Embora romper com uma estrutura consolidada de poder no meio acadêmico não seja uma tarefa fácil, é fundamental que os pesquisadores estejam conscientes dessa realidade. Essa conscientização é um passo crucial para promover mudanças que tragam maior igualdade de oportunidades e abram espaço para ampliar os debates sobre o racismo institucional e o machismo no espaço acadêmico.

O estudo também destaca a importância da intersecção entre os estudos da informação e os estudos sociais. Isso ocorre porque toda informação gerada parte de indivíduos que estão inseridos em uma estrutura social e institucional, onde existem relações de poder e tensionamentos que afetam a produção científica. As desigualdades mencionadas anteriormente têm um impacto negativo no desenvolvimento científico, uma vez que a diversidade de atores enriquece as pesquisas e as perspectivas dentro do campo científico.

Em suma, os resultados deste estudo ressaltam a necessidade de uma mudança consciente e estrutural no meio acadêmico. A igualdade de oportunidades e a diversidade são elementos essenciais para promover o avanço científico e garantir



que todas as vozes sejam ouvidas e valorizadas no campo da Ciência da Informação e em todas as áreas do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Movimentos epistemológicos da ciência da informação. **Códices**, v. 14, n.1, p. 61-78, 2018.

ARAÚJO, Marta; MAESO, Silvia R. O poder do racismo na academia: produção de conhecimento e disputas políticas. *In: O pluriverso dos Direitos Humanos: a diversidade das lutas pela dignidade*. Lisboa: Edições 70, 2019.

ARTES, Amélia. Dimensionando as desigualdades por sexo e cor/raça na pós-graduação brasileira. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 34, p. 1-23, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-4698192454>

BAYER, Alan E.; ASTIN, Helen S. Sex differentials in the academic reward system. **Science**, v.188, p. 796-802. 1975.

BOURDIEU, P. O campo científico. *In: ORTIZ, Renato (org.). Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70, 2004.

CONSELHO DE REITORES DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS. **Só 1 em cada 4 matriculados em programas de mestrado e de doutorado no Brasil é negro**. CRUB, 2020.

CUNHA, L. A. Ensino superior e hierarquização social. **Educação Brasileira**, ano V. n. 11, p. 41-46, 2º semestre, 1983.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil**. Estudos e Pesquisas - Informação Demográfica e Socioeconômica, Rio de Janeiro, n. 38, p. 12, 2021. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf). Acesso em: 10 maio 2023.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em:



<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/rendimento-despesa-e-consumo/9127-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios.html>. Acesso em: 30 maio 2023.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. 4.ed. Brasília, DF: IPEA, 2011. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2023.

OLIVEIRA, Iolanda. **O Negro No Sistema Educacional Brasileiro**: alguns aspectos históricos e contemporâneos. [S. l.: s. n.], 2016.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. Racismo institucional: uma análise a partir da perspectiva dos estudos pós-coloniais e da Ética. **Ensaio Filosóficos**, [s.l.], v. 11, p. 1-21. jul. 2015.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB). **Temas raciais ganham fôlego nas universidades brasileiras**. Ceará: UNILAB, 2014.

